# Como os EUA capturam os iemenitas que, depois, são assassinados

As imagens que hoje temos diante de nós são infames: crianças iemenitas atordoadas e sangrentas que chegam ao hospital depois de o seu ônibus do acampamento de férias ter sido bombardeado por aviões sauditas. Os Estados Unidos estão profundamente envolvidos nesse ataque de 9 de Agosto, que matou 54 pessoas, na sua maioria crianças.

Fragmentos da bomba têm as etiquetas dos fabricantes de armas dos EUA. A natureza indefensável do bombardeio – não havia combatentes em nenhum lugar à vista – ganhou manchetes e até mesmo atenção no Capitólio, abrindo uma nova conversa sobre o envolvimento dos EUA no longo cerco do Iêmen por uma coalizão liderada pela Arábia Saudita e pelos Emirados Árabes Unidos.

A coligação enquadra a sua guerra como uma intervenção em nome de Abdrabbuh Mansur Hadi, o homem que reconhecem como o presidente legítimo do Iêmen. A Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos (EAU) afirmam ter como alvo os Houthis, o grupo de oposição do outro lado da guerra civil do Iêmen que controla a capital do país, e que supostamente tem laços com o Irã. As imagens do ataque do ônibus escolar, no entanto, revelam os alvos reais do poder aéreo da coalizão.

Embora tanto os Houthis como a coligação tomem medidas com consequências destrutivas para a população do Iêmen, a culpa esmagadora pela devastação e pela crise humanitária cabe aos Estados Unidos, à Arábia Saudita e aos EAU.

Os Estados Unidos estão fornecendo a aeronave para a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos, as munições de precisão que estão lançando, a inteligência e o reabastecimento em pleno ar dos aviões de guerra da coalizão. Os Estados Unidos

também continuam a realizar operações militares no Iêmen diretamente, com suas próprias forças especiais e ataques aéreos. Mas mesmo quando o pessoal norte-americano não está pessoalmente lançando as bombas, parece estar envolvido em todas as outras etapas das operações da coalizão.

No mesmo dia do ataque ao ônibus escolar, e não muito longe, o pessoal dos EUA estava terminando outra atividade mais silenciosa, que recebeu muito menos atenção.

De 5 a 9 de agosto, uma unidade da Guarda Nacional de Wisconsin, designada para a Central do Exército dos EUA, realizou um treinamento de uma semana com membros da Brigada da Guarda de Fronteiras do Exército Real da Guarda de Fronteira de Omã em Haima, Omã. Os exercícios fizeram parte da militarização da fronteira de Omã com o Iêmen – com financiamento e outra assistência dos Estados Unidos.

Em outras palavras, os Estados Unidos não estão apenas ajudando a coligação a bombardear civis iemenitas. Ajudar a coligação a bombardear civis iemenitas é ajudar a apanhar os refugiados que fogem desses bombardeios.

Antes que ficasse claro que o governo americano não queria refugiados iemenitas nos Estados Unidos. O Iêmen foi listado em todas as três iterações da proibição de viagens anti-muçulmanas da administração Trump. Isso foi injusto o suficiente. Em Omã, os Estados Unidos estão ajudando a impedir que os iemenitas deixem seu país.

Em agosto, o Congresso Nacional aprovou a Lei de Autorização de Defesa Nacional (NDAA) – seu orçamento militar – para o ano fiscal de 2019. A Lei pede ao Secretário de Estado que certifique que a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos estão tomando medidas para minimizar as baixas civis, entre outras medidas para aliviar os receios que o Congresso possa ter sobre a continuidade do programa de reabastecimento em pleno ar dos EUA.

As restrições estabelecidas na Lei vieram à ribalta quando Trump assinalou a sua recusa em cumpri-las, desencadeando uma disputa entre membros do Congresso e da Casa Branca sobre quem tem autoridade para tomar decisões sobre assuntos externos – uma luta que tem sido alimentada pelo horrendo bombardeio de ônibus escolares.

Mas a mesma lei também expande silenciosamente a lista de países para os quais os Estados Unidos fornecem ajuda com o propósito de militarizar suas fronteiras. Uma provisão foi adicionada ao orçamento militar em 2016 que se apropria desse financiamento para "certos países estrangeiros para operações de segurança nas fronteiras". A lista de países – cada um dos quais é elegível para até US$ 150 milhões no programa – inclui Tunísia, Egito, Líbano e Jordânia. O orçamento de 2019 inclui o Paquistão e Omã.

O que é que estes Estados têm em comum? Partilham fronteiras com países de onde saem ou atravessam milhões de refugiados. O Egito, a Tunísia, o Líbano e a Jordânia são vizinhos da Líbia, Síria e Iraque. O Paquistão faz fronteira com o Afeganistão.

Os passos de Omã para "proteger a sua fronteira" soam familiares. Numa tendência assumida por Estados de todo o mundo – e defendida pela Casa Branca – Omã está a construir um muro. A construção começou há cinco anos e deverá continuar por mais três anos.

Os EUA prometeram $2,5 milhões em ajuda a Omã para 2019 num pacote sob o título "Paz e Segurança". E uma enxurrada de reuniões entre autoridades dos EUA e do Omã sugere que uma coordenação mais profunda poderia estar em andamento.

Em Março, o Secretário da Defesa Mattis encontrou-se com Omani Sultan Qaboos bin Said Al Said e com o Ministro da Defesa Badr bin Saud al Busaidi em Muscat para discutir o reforço da cooperação militar. No final de julho, o ministro das Relações Exteriores de Omã, Yusuf bin Alawi, viajou para Washington e

reuniu-se com Mattis no Pentágono, o secretário de Estado de Pompeu e membros do Congresso. As conversações centraram-se na relação bilateral em relação à crise em curso no Iêmen.

E depois houve o treinamento conjunto em Haima.

A migração é difícil para os iemenitas. O Iêmen era o país mais pobre do Oriente Médio antes do início da guerra, em 2015. Embora existam mais de 2 milhões de pessoas deslocadas internamente no Iêmen, a pobreza impede o Iêmen de sair do país.

Apesar dos muitos obstáculos, mais de 190 mil iemenitas fugiram para países vizinhos, segundo o ACNUR, a agência da ONU para os refugiados. Muitos dos que partiram estão em Omã, então as medidas que o país está tomando com seu aliado americano colocarão novos obstáculos aos futuros refugiados.

Surpreendentemente, apesar das condições de pesadelo que os Estados Unidos, a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos criaram no Iémen, também é verdade que mais de 280.000 pessoas – a maioria do Chifre da África – procuraram refúgio no Iêmen. As medidas que os Estados Unidos estão apoiando com seus aliados, portanto, não estão apenas devastando os iemenitas. A crueldade dessas ações se estende aos refugiados de fora do Iêmen, que agora estão efetivamente presos nas mesmas condições que estão deslocando – mas aprisionando – os iemenitas.

As guerras que os Estados Unidos estão levando a cabo e apoiando incluem as guerras sobre a liberdade de movimento e aqueles que procuram exercê-la. Desde o enjaulamento de crianças e adultos na fronteira com o México até o bombardeio de crianças no Iêmen com armas americanas, este verão demonstrou ao mundo que os Estados Unidos não estão apenas expulsando pessoas de suas casas – está impedindo que elas escapem para a segurança.

É significativo que o apoio dos EUA ao bombardeio saudita

esteja recebendo atenção mais crítica. Mas dos muros às proibições de viajar, as atividades desastrosas do nosso governo vão além dos bombardeios sozinhos. Precisamos identificar e expor os muitos ataques de Washington contra pessoas em todo o mundo – e resistir a todos eles.

Original: In These Times